

Teorias do Sujeito a partir da Era Moderna

por

¹ Luiz Carlos Moreira da Rocha

² - *Cogito, ergo sum*
René Descartes

Resumo: Estudo conciso acerca da formação e deslocamento das identidades culturais na cultura ocidental a partir do período iluminista se estendendo até o advento das eras pós-moderna e da globalização. Apanhado das principais postulações teóricas sobre a constituição do sujeito desde os primeiros cortes mais acentuados na idade moderna. Dentre as principais correntes de pensamento e de expressão literária, destacam-se os vieses românticos, com ênfase para os construtos poéticos dos ingleses William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. Ainda no século dezenove, as premissas marxista e freudiana alargaram o escopo sobre a questão das identidades, culminando, na virada do século, com o advento da linguística saussureana que lançou novas luzes sobre a questão. O século XX, por sua vez, foi marcado pelas experiências de duas guerras mundiais somadas ao avanço tecnológico e urbano que também contribuíram para a expansão do fenômeno identitário. Entre os dois conflitos, deu-se o movimento modernista, provedor do rompimento com o passado e com a história, gerando, por conseguinte, novos matizes de identidade cultural. No entanto, desde os anos de 1960 que o mundo ocidental vem sendo perpassado por várias rupturas com reflexos na questão aqui em pauta. Do feminismo às manifestações de origem africana, novas formas de constituição do sujeito e de sua identidade cultural apontam para um admirável mundo novo, ainda em ebulição, e cuja principal marca é o hibridismo. Palavras-chaves: identidade, cultura e hibridismo.

Abstract: A concise study about the formation and displacement of the cultural identities in the Western Culture from the Enlightenment through the Postmodern and Globalization Eras. A summary of the mainstream theories on the constitution of the individual since the first and more remarkable cuts in the Modern Age. Among the main currents of thought and literary expression, the romantic views, emphatically the poetical ideas developed by the English poets William Wordsworth and Samuel Taylor Coleridge, are at stake. Still in the 19th Century, the Marxist and Freudian set of ideas enlarged the scope on the issue of identities, reaching, at the turn of the century, its highlight with the vogue of the structural linguistics which brought new lights on the question. The 20th Century, at its turn, was featured by the experiences of the two world wars added to the advance in technology and urbanization that also contributed to the expansion of the cultural identities. In between the two conflicts, the modernist movement took place providing a rupture with the past and history, allowing the formation of the new identities. However, since the 1960s the Western Civilization has been shaken by many cuts. From feminism through the new afro descendants manifestations, new ways of constituting the individual and his/her cultural identity address to a brave new world, whose main characteristic is the hybridism. Key-words: identity, culture and hybridism.

1 - Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Visiting Scholar at New York University. Professor de Teoria Literária na Pós-graduação em Letras da Universidade Candido Mendes no Rio de Janeiro – RJ.

² - Penso, logo existo.

A civilização ocidental cunhou um projeto de identidade a partir do período iluminista no qual o sujeito era o centro do sistema e a sua condição não comportava qualquer sorte de questionamento. O sujeito iluminista era representado como um indivíduo centrado, unificado e não só dotado de razão como por ela guiado. Este sujeito trazia em seu íntimo um núcleo interior que nascia e se desenvolvia com ele. O núcleo do sujeito era a própria identidade do indivíduo.

Esta concepção foi primordialmente desenvolvida a partir das postulações teóricas do pensador francês René Descartes que, embebido dos conceitos e formulações científicas da Renascença e do século XVII, contribuiu para o deslocamento de Deus do centro do universo para que o homem ocupasse tal posto. Considerado por muitos como o “Pai da Filosofia Moderna”, Descartes cunhou a sua visão de universo e de homem com base na matéria, que ele chamou de substância espacial e na mente, a qual ele tachou de substância pensante.

A dicotomia cartesiana buscou condensar a explicação dos fenômenos naturais e espirituais através da redução das coisas aos seus elementos essenciais, pensando-os de maneira irreduzível. Desta forma, a máxima contida em *cogito, ergo sum* aponta para o sujeito individual e dotado de raciocínio. Esta formulação representa a primeira concepção de identidade do sujeito na Era Moderna, também nomeada como “sujeito cartesiano”.

Em seu *Ensaio Sobre a Compreensão Humana*, o filósofo inglês John Locke advoga que a identidade cultural do indivíduo se consubstancia ³*pari passu* à consciência do mesmo. Assim, a identidade se constrói e se alarga até o limite do escopo da consciência, num processo que ele chamou de mesmidade (*sameness*). Mas é na derrocada da ordem social, econômica e espiritual da Idade Média e no surgimento da era e pensamento modernos que os indivíduos se vão constituir em agentes de sua própria história e, por conseguinte, dar vazão ao processo de construção de sua identidade cultural.

Portanto, é após o advento do Protestantismo, forjador de uma nova relação do homem com Deus sem a intermediação da Igreja, e com a ascensão do capitalismo às vésperas da Revolução Industrial que a noção de identidade cultural do indivíduo moderno começa a se estender. Para tanto, fez-se mister a construção de novos modelos de análise do mundo e do homem baseados na Matemática e na Lógica, e cuja expressão maior coube a

³ - simultaneamente

Leibiniz. As categorias elaboradas por Leibiniz davam conta de um indivíduo como centro e medida maior, as nômadas que fundamentariam as bases do pensamento iluminista. Porém, a ideia de um sujeito centrado, de base racional sofrerá o primeiro grande abalo com o advento do Romantismo que, por sua vez, encontra na filosofia de Hegel um de seus marcos fundadores.

O pensamento de Hegel se alicerça no movimento dialético constituído por tese, antítese e síntese que, postas de outra forma, levam-nos a afirmação, negação e negação da negação. Isto posto, o espírito humano emerge como síntese do embate entre a tese expressa na Ideia Pura e a sua antítese, a Natureza, vista como objeto criado e como antagonico à Ideia. Logo, o espírito se caracteriza como pensamento e matéria. Com isto, a razão se constitui num amálgama que entrelaça as naturezas viva e inorgânica à vida social, passando pela experiência individual. Hegel, a partir da dialética, pensa a subjetividade como a junção da emoção, do desejo e da imaginação. Tal conceito de indivíduo tornou-se a base do sujeito romântico.

O Sujeito Romântico

O período romântico assinala uma série de rupturas na visão de mundo do homem ocidental com reflexos na formação da identidade cultural e que se manifesta no campo das artes, como se pode observar na expressão poética, tanto nas produções oriundas das nações tidas por centrais como nas consideradas periféricas.

Assim, várias teorias acerca do sujeito emergiram no século XIX e no início da vigésima centúria, do transcendentalismo ao feminismo passando pelas várias propostas de descentramento do sujeito como aquelas advogadas pelas teorias freudiana e marxista. Como consequência dessas produções, o início do século XX avançou neste campo teórico com o desenvolvimento da teoria saussureana da linguagem e das ideias vanguardistas e modernistas. Posteriormente, os esforços empreendidos por Michel Foucault, pela voga dos Estudos Culturais e pelo Multiculturalismo dilataram ainda mais as possibilidades identitárias.

Partindo da concepção romântica do sujeito, observa-se um deslocamento da concepção cartesiana do *cogito, ergo sum* para ⁴*sentio, ergo sum*, já que a identidade romântica pressupõe um “eu” em conflito com a realidade social e em busca de uma identidade que se representa através da integração do “eu” com a natureza, que não é mais vista como uma peça de decoração árcade e sim como manifestação suprema do ente divino e fonte de criação. Como ser evasivo, o sujeito romântico representa a si próprio como antítese do indivíduo cartesiano do período iluminista. Em sua proposta de formação da identidade, o sujeito romântico busca abrigo num espaço imaginário e projeta o futuro em retrospecto, ou seja, um futuro à imagem e semelhança do passado.

Todavia, a ambiguidade que caracteriza a estética romântica se faz também presente no sujeito que, ao dar primazia à noite em relação ao dia, às trevas em detrimento da luz, opta pelo embate entre as forças do inconsciente no campo de batalha da alma, cavando as suas trincheiras na imaginação e no sonho.

Em termos de teoria literária, observa-se a valorização do mito rousseuniano do retorno à natureza. De acordo com a Professora Helena Parente Cunha em estudo sobre o período:

Uma das reações mais comuns entre os românticos e muito frequente nos textos era a evasão para o sonho, para mundos ideais ou ainda para a natureza confidente e consoladora, atitude essa decorrente do conflito do eu com a realidade adversa. Uma das possibilidades de evasão ou escapismo consistia no refúgio no passado mítico do indivíduo ou do mundo. (1986, p. 151)

A obra literária, a partir daí, é vista como um construto misterioso. A poesia deixa, então, de ser um simples fruto da técnica da linguagem e passa a ter implicações sociais, políticas, filosóficas e místicas. No que diz respeito à identidade, o sujeito romântico deve ser visto em sua dupla face, isto é, o homem da arte é o gênio criador que se afasta de seus pares devido a sua dotação superior que sentimos, por exemplo, em Antônio de Castro

⁴ - Sinto, logo existo

Alves que, num dos versos de *Mocidade e Morte*, afirma: “Eu sinto em mim o borbulhar do gênio”. (ed. 1974, p. 32)

A outra forma de identidade é expressa no ideal romântico do homem simples, rústico, campesino e identificado com a própria natureza, como se depreende da teoria poética cunhada pelos aedos ingleses William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. Pela ótica de Wordsworth, é na expressão do homem rural que o poeta encontraria a pureza de linguagem que lhe permitiria uma expressão adequada da alma identificada com o *locus* natural. Coleridge, por sua vez, indo além de seu companheiro, buscou expressar uma identidade a par com as experiências místicas, consignando, por conseguinte, uma identidade múltipla e amparada pelas experiências de várias existências. Nas próprias palavras de Coleridge,

...the incidents and agents were to be, in part at least, supernatural; and the excellence aimed at was to consist in the interesting of the affections by the dramatic truth of such emotions, as would naturally accompany such situations, supposing them real. And real in this sense they have been to every human being who, from whatever source of delusion, has at any time believed himself under supernatural agency. (ed. 1987, p. 41)

Este mesmo ideal transcendente, que os ingleses buscaram em Rousseau, Kant e Carlyle, perpassou a experiência dos românticos espanhóis. A busca de uma identidade idealizada, remetida a um ser genial e vinculada a experiências não firmadas na realidade se verificou na expressão de Gustavo Adolfo Bécquer, poeta que tentou afirmar em seus versos um sujeito provido de sentimentalidade exacerbada, crivado de contrastes entre a glória e a ruína, além de um ente em fuga e que buscava a companhia de mulheres que só eram encontradas no âmbito da imaginação, como atestam os versos que se seguem:

Yo soy um sueño, um imposible, Vano fantasma de niebla y luz; Soy incorpórea, soy intangible, No puedo amarte... - ¡Oh, vem, vem tu! (1847, p. 140)

O Sujeito à luz do Positivismo

Logo após o Romantismo, a concepção do sujeito e de sua identidade cultural sofre novo abalo. Os movimentos realista e naturalista estampam a influência do positivismo comteano em sua busca por fatos com base na experiência e na formulação de leis para explicar a conduta e a evolução das sociedades humanas.

A filosofia positivista estabeleceu uma nova ordem científica e cultural na Europa Ocidental do Oitocentos. O surgimento das ciências sociais gera novos conceitos sobre o homem e, a partir de então, a identidade cultural é construída através da interação entre o sujeito e o seu meio ambiente sócio-cultural. Este novo sujeito é reflexo de um mundo que se vai tornando cada vez mais complexo com o avanço da tecnologia e a expansão da urbanidade. Daí a consciência desenvolvida de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente e sim, um sujeito formado na interação com outras pessoas que fazem, para ele, a mediação com os símbolos e valores estabelecidos na cultura da qual ele é emergente.

Desta forma, a nova identidade do sujeito se alarga. Segundo Stuart Hall:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (1977, p. 12)

As identidades subjetivas, como salientado nas linhas precedentes, manifestam-se de forma dicotômica em que os espaços interno e externo, a esfera privada e pública do indivíduo são preenchidas. Os reflexos de tais transformações chegaram aos estudos literários através da velha filologia que recortava a voga cientificista no cenário cultural europeu e enfocava a obra de arte literária com base na perquirição de fatos e influências e da relação entre a criação literária e o seu contexto histórico, transformando a arte da palavra em ⁵*littëra et scientia*.

⁵ - literatura e também ciência

As formas de representação no mundo das artes e das teorias críticas em voga nas últimas décadas do Oitocentos não davam mais conta da expressão do indivíduo e de sua visão de mundo. As premissas românticas, positivistas e realistas se mostravam insuficientes para formatar a identidade do indivíduo e explicar a realidade social que se tornava mais complexa com o avanço da técnica.

A este descontentamento somaram-se as vanguardas europeias que começaram a diluir e deixar para trás uma realidade que não se coadunava com os anseios da virada do século. A invenção do telégrafo, do telefone, do carro, do cinema e do avião, dentre outras, esboçaram uma nova identidade cultural do homem ocidental que, jungindo-se ao império das máquinas, propugnou um corte na sua visão de mundo, na qual a história foi abstraída em favor de um modo de vida assegurado pelas novas tecnologias. Observa-se, naquele contexto, que as vanguardas europeias se estenderam, cronologicamente, dos fins do século XIX até 1924, sendo, portanto, abalada pelo advento da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, pelos movimentos estéticos e sociais da década de 1920.

É de monta registrar que as jovens nações americanas, cujas independências políticas ocorreram no século XIX, exceto os Estados Unidos, emancipado em 1776, esboçaram uma nova identidade cultural com base em suas próprias histórias, o que gerou em seus indivíduos a condição para a formação de uma nova identidade à luz de seus próprios construtos e desvinculadas das experiências que marcaram as gerações anteriores. Este novo homem americano buscou uma identidade relacionada a seu passado pré-colombiano, no caso das nações latino-americanas ou numa realidade pós-colonial, como as nações anglo-saxãs.

O Sujeito no século XX

No entanto, as teorias críticas e os movimentos formadores de novas identidades culturais continuaram a emergir, também, no Velho Mundo, embora seja inegável a contribuição norte-americana a este novo panorama. Dentre as várias correntes a expressar o novo sujeito, três filamentos teóricos e sociais foram decisivos no desenvolvimento das novas identidades culturais: o marxismo, a psicanálise e a linguística estrutural.

De acordo com a teoria marxista, o sujeito tornou-se enredado nas máquinas burocráticas e administrativas do estado moderno, o que fez surgir uma ideia mais social do sujeito. Esta ideia foi desenvolvida através da participação do indivíduo nos processos e estruturas sociais. A proposta marxista descentra, ou melhor, desloca o sujeito a partir de cortes nos discursos produzidos pelo conhecimento moderno. Em *Sobre Literatura e Arte*, Marx e Engels afirmam:

São os próprios homens que constroem a sua história, mas num dado meio que a condiciona na base de relações reais anteriores, entre as quais figuram as condições econômicas. (ed. 1971, p. 42)

Portanto, a noção de que existe uma essência universal de homem é desconstruída. Outra ideia colocada abaixo é a de que a essência é o atributo de cada sujeito tomado de forma singular. Ratificando as premissas marxistas, Erich Fromm confere ao indivíduo a condição de representante da raça humana, um sujeito constituído pela soma da individualidade com as características sociais do meio em que o sujeito nasceu, cresceu e se formou como indivíduo. Fromm, interpretando o pensamento de Karl Marx, afirma:

Um indivíduo representa a raça humana: ele é um exemplo específico da espécie humana. Ele é “ele” e é “todos”; ele é um indivíduo com suas peculiaridades e, nesse sentido, sem igual, mas ao mesmo tempo é representativo de todas as características da raça humana. Sua personalidade individual é determinada pelas particularidades da existência humana, comuns a todos os homens. Por isso, o exame da situação humana deve preceder o da personalidade. (s.d., p. 47)

Outra teoria que contesta as postulações anteriores acerca do sujeito é a psicanálise freudiana que descortina para o mundo a “lógica” própria do inconsciente que apresenta o homem como um ser descentrado de si próprio. Segundo a teoria psicanalítica, nossa sexualidade e, por conseguinte, a nossa personalidade é formada através de processos

psíquicos inconscientes e que se assentam numa lógica autêntica e antagônica àquela estabelecida pela razão.

Se na concepção marxista a subjetividade necessita se enveredar pelas instituições sociais para se constituir, na visão psicanalítica a formação do sujeito é desenvolvida através de complexas negociações psíquicas que tem lugar no inconsciente. As fantasias e os desejos, satisfeitos ou reprimidos, são agentes partícipes desta negociação.

As teorias freudianas foram levadas adiante por seus seguidores e a releitura da psicanálise proposta por Jacques Lacan é digna de menção. À luz da teoria lacaniana, na “fase do espelho” a criança ainda não possui uma autoimagem e se imagina refletida no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira”. Com isto, a criança inicia-se na relação com os sistemas simbólicos que foram desenvolvidos fora dela. Entre esses sistemas estão a língua, a cultura, a diferença sexual etc.

O descobrimento e a entrada no território do simbólico se jungem aos sentimentos interiores, entre eles o complexo de Édipo. Estas características se moldam em constituintes da identidade do sujeito que agora é um sujeito dividido.

No campo da teoria literária, a crítica psicanalítica desenvolveu-se no decorrer do século XX e visa à compreensão da arte a partir de características do indivíduo. A teoria psicanalítica da literatura, consoante Arnold Hauser em *A Filosofia da História e da Arte*, “é uma versão mais elaborada de tendências já existentes no romantismo”. (ed. 1959, p. 59)

O terceiro segmento teórico citado anteriormente e que também desloca o sujeito de sua autocentralidade é a linguística saussureana. Do ponto de vista da linguística estrutural, nós não somos os autores das palavras e enunciados que proferimos. A língua não é um sistema individual e sim, social e pré-existe a cada um de nós. E como a língua é, na visão de Martin Heidegger, “a morada do ser”, logo se conclui que esta morada é construída de forma compartilhada com a experiência social.

Os pressupostos saussureanos mostram que a nossa produção linguística ativa, no ato simultâneo de sua enunciação, toda uma gama de significados que já estão introjetados em nossa língua e em nossos construtos culturais. O postulado de Saussure alicerçou o pensamento de Stuart Hall que afirma:

Observe-se a analogia que existe aqui entre a língua e identidade. Eu sei quem sou em relação com o “outro” (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser. (1977, p. 44)

O Sujeito na Era Pós-moderna

Às três teorias críticas anteriormente enfocadas, seguem-se outros dois *corpora* teóricos que também descentram o sujeito. Michel Foucault elabora a sua genealogia do sujeito moderno ressaltando um novo tipo de poder, o qual ele nomeia como “poder disciplinar”, e cujo estabelecimento perpassa todo o século XIX, estendendo-se até o início do século passado. Como o próprio nome indica, tal poder se ocupa com a regulação e controle das massas e, numa fase posterior, do indivíduo e do corpo. Para colocar em prática as suas formas de controle, o poder disciplinar erigiu instituições para este fim. São elas: hospitais, escolas, quartéis, clínicas *et cetera*.

O conhecimento da técnica aplicada às formas de coerção e controle e das ciências sociais são outras ferramentas utilizadas pelo “poder disciplinar”. No que tange à questão do sujeito, a teoria foucaultiana insere-se numa posição paradoxal, na qual, de um lado, o “poder disciplinar” se faz representar a partir de instituições coletivas, do outro, as técnicas da modernidade tardia, cuja aplicação “individualiza” o sujeito e cerceia o seu corpo.

O feminismo, por sua vez, apresenta-se tanto como prática social quanto como teoria crítica. Na verdade, o feminismo é mais um daqueles segmentos que despontaram nos anos sessenta, bem como a contracultura, os direitos civis e todos as manifestações de alguma forma relacionados com a odisséia de 1968. Todos estes movimentos fizeram radical oposição ao capitalismo, à política de segregação, à guerra no sudeste asiático, entre outros. Tais posturas gestaram o nascimento histórico da “política de identidade”, uma identidade para cada movimento. Desta forma, o feminismo, atuando com o fim de descentrar o sujeito, abriu novos campos de batalha, como o trabalho doméstico, a sexualidade, as relações de gênero etc.

A subjetividade na pós-modernidade é formada e produzida à luz dos gêneros, em outras palavras, o feminismo politizou a subjetividade e o processo de identificação como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas. Assim, o que era, em princípio, um movimento

que visava à luta pela igualdade de gêneros, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

Os reflexos destas articulações teóricas são sentidos no âmbito dos estudos literários e culturais, na medida em que participam dos questionamentos dos cânones literários e historiográficos. Há que se destacar, ainda, a contribuição feminista para o descentramento do sujeito, cujos resultados são as identidades abertas, contraditórias, fragmentadas do sujeito pós-moderno.

Em suma, na era da informação globalmente disseminada, produtos e informações são criados num contexto ou numa nação e manufaturados em outra, independente do *status quo* que caracteriza cada uma destas nações. Com isto, as identidades são móveis e problematizam as questões de tempo e espaço, as quais passam a ser entendidas e representadas de forma distintas das maneiras com que se apresentavam em eras pretéritas.

Contudo, as experiências locais se têm constituído em formas de resistência aos processos globalizantes e têm engendrado identidades formadas à luz do fundamentalismo ou de expressões regionais que resistem à junção ao hibridismo anteriormente assinalado. Logo, o conceito de nação e os seus modos identitários parecem exauridos, o que tem dado ensejo a formação de identidades culturais que tomam por base fatores de ordem étnica, de gênero ou mesmo a fusão de tendências que inicialmente se opunham.

Outro conceito que reaparece com nova roupagem, mas com indiscutível pertinência na questão da formação das identidades culturais, é a concepção de tradução. Segundo Stuart Hall:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades... Elas são irrevogavelmente traduzidas. (ed. 2003, p. 88-89)

Portanto, a constituição do sujeito desde o Iluminismo tem perpassado constantes mudanças que, por sua vez, são acompanhantes das transformações tecnológicas e sociais que estão tendo lugar em todos os continentes, num processo que se faz presente tanto nas distantes aldeias dos mais variados rincões da terra quanto nas grandes ⁶*urbis* do planeta. E por fim, se a visão científica do homem e do mundo toma por base a observação, também se faz necessário um reajuste neste ⁷*sēnsus* para que o sujeito e a formação de sua identidade cultural sejam enfocados a partir de novos olhares.

⁶ - cidade
⁷ - sentido

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, ed.1974.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ARAÚJO, Helena. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Material de Ensino do Departamento Nacional de Educação, 1962.

BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como Crítica da Modernidade*. Tradução de Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO. *O Pensamento Vivo de Descartes*. Tradução de Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.

CHULAM, Tânia Maria Olivier. *Escritos Sobre Os Escritos de Lacan*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, ed. 1995.

COLERIDGE, Samuel Taylor. “Occasion of The Lyrical Ballads, and The Objects Originally Proposed” In: DYSON, A.E. *Wordsworth: Lyrical Ballads*. London and Hong Kong: Mac Millan Press, ed. 1987. p. 41-45.

CUNHA, Helena Parente. “Periodização e História Literária” In: SAMUEL, Rogel. *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis, 1984. p. 129-162.

ESPINAR, Jaime. *El Romanticismo*. Buenos Aires: Editorial Atlântida, 1947.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e As Coisas*. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugália Editora, 1966.

FREUD, Sigmund. *Selected Writings*. New York: Book-of-the-Mont club, 1980.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Tradução de Octavio Alves Velho. São Paulo: Círculo do Livro S.A., [s.d.].

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, ed. 2003.

HAUSER, Arnold. *The Philosophy of Art History*. London: Routledge, 1959.

_____. *História Social da Literatura e da Arte*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, ed. 2000.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética IV - Poesia*. Tradução de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, ed. 2004.

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, ed. 1987.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Sobre Literatura e Arte*. Tradução de Albano Lima. Lisboa: Mandacaru, ed. 1971.

SAMUEL, Rogel *Novo Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, ed. 1979.